

## ***Abstract***

*El complejo fabril conocido como Fábrica de Cerâmica das Devesas (que se encuentra en Vila Nova de Gaia, Porto y Pampilhosa) es probablemente el más elocuente ejemplo histórico portugués de asociación entre arte e industria. En este artículo se exponen las principales razones para este hecho, así como las características más singulares de este complejo fabril, que ha producido algunos de los más interesantes elementos en piedra, cerámica y hierro aplicados en la arquitectura de finales del siglo XIX y principios del siglo XX.*

# **ANA MARGARIDA A Fábrica de Cerâmica das Devesas - entre a Arte e a Indústria PORTELA**

Em Portugal, no período que medeia entre cerca de 1870 e 1910, a Fábrica de Cerâmica das Devesas foi provavelmente o complexo fabril em que a relação entre arte e indústria resultou mais completa, original e marcante. De facto, a fábrica das Devesas não foi apenas uma fábrica de cerâmica, mas um verdadeiro complexo dedicado a praticamente todas as artes aplicadas à arquitectura, à construção e à decoração de edifícios.

António Almeida da Costa (1832-1915) e José Joaquim Teixeira Lopes (1837-1918) foram os principais mentores deste projecto industrial.

António Almeida da Costa era canteiro de formação, mas tinha um espírito empresarial muito marcado. A sua habilidade para o negócio, a sua versatilidade, bem como a sua capacidade de antecipação do gosto que vigoraria no futuro provam-se pelo legado industrial que deixou e também pelo facto de se ter tornado no final da vida quase um magnata, vivendo então num belo e original palacete neo-mourisco, localizado de forma tutelar sobre o seu empório fabril. António Almeida da Costa tornou-se tão abastado que poderia até ter sido Barão, título que ele recusou, até porque não queria vir a ser conhecido como o «Barão da Telha». É certo que a sua Fábrica de Cerâmica das Devesas foi decisiva para que a

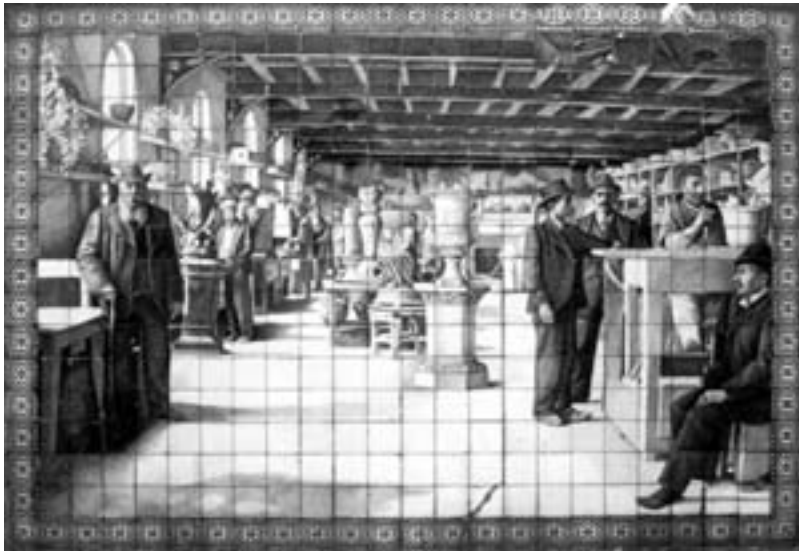


FIG. 1.  
Painel de azulejos representando uma das secções da Fábrica de Cerâmica das Devesas, com António Almeida da Costa retratado à esquerda.

telha do tipo «Marselha» se tornasse o modelo mais comum de cobertura para telhados de casas em Portugal. Porém, seria extremamente redutor atribuir a António Almeida da Costa o mero epíteto de «Barão da Telha», com base numa imagem de empresário muito bem sucedido na produção massificada de artefactos para construção. Antes de mais, António Almeida da Costa era um artista e, após ter vindo ainda jovem das pedreiras dos arredores de Lisboa, fez o seu tirocínio como canteiro na oficina portuense do ornataista Emídio Amatucci.

António Almeida da Costa não foi nunca um artista académico e os poucos bustos que esculpiu quando era jovem revelam o seu pouco talento para a escultura. Ainda assim, reconhecendo a importância da instrução artística, foi o primeiro canteiro estabelecido no Porto a obter aprovação na Escola Industrial do Porto, fundada em 1854. Poucos anos depois, quando já tinha montado oficina própria, procurou associar-se a um artista mais talentoso do que ele, mas que fosse um homem simples e humilde, de modo a que António Almeida da Costa o pudesse ter na sua dependência. Esse homem foi José Joaquim Teixeira Lopes.

José Joaquim Teixeira Lopes era sobretudo um modelador e estatuário. Inicialmente, a colaboração entre António Almeida da Costa e José Joaquim Teixeira Lopes baseava-se na complementaridade artística: José Joaquim Teixeira Lopes modelava peças de escultura, que António Almeida da Costa reproduzia em mármore ou granito, nomeadamente para ornamentar monumentos públicos e monumentos sepulcrais. Posteriormente, José

Joaquim Teixeira Lopes começou a ver alguns dos seus modelos em gesso reproduzidos também em cerâmica, para ornar fachadas de prédios românticos ou para os seus jardins. É nesta época que a Fábrica de Cerâmica das Devesas (fundada por volta de 1866) assume uma vertente simultaneamente artística e industrial. Estrategicamente, a fábrica situou-se junto à estação de caminho de ferro das Devesas, que foi durante vários anos a estação terminal da cidade do Porto para quem vinha de Lisboa (fig. 2).



FIG. 2.  
Fachada principal da Fábrica  
de Cerâmica das Devesas  
no início de século XX.

Contudo, a oficina de cantarias de António Almeida da Costa continuou a situar-se no centro do Porto, na já desaparecida Rua do Laranjal, onde o canteiro Feliciano Rodrigues da Rocha (conterrâneo de António Almeida da Costa) viria a assumir depois funções de relevo, sobretudo quando António Almeida da Costa começou a descurar o trabalho de direcção artística, entregando-se mais ao trabalho de escritório e de direcção empresarial.

Numa primeira fase, a Fábrica de Cerâmica das Devesas foi uma extensão da oficina de cantarias da Rua do Laranjal. As capelas sepulcrais construídas na oficina eram muitas vezes complementadas e ornadas com vasos em cerâmica saídos da fábrica das Devesas. Porém, se ao princípio várias esculturas ou vasos eram executados em cantaria (fig. 3), foram sendo cada vez mais produzidos sobretudo em cerâmica, uma vez que tal processo facilitava a produção em larga escala.



FIG. 3.  
Mausoléu de Adriano da Costa Ramalho no Cemitério de Agramonte (Porto), totalmente executado pela oficina de cantarias de António Almeida da Costa e com alegorias em pedra mármore modeladas na Fábrica de Cerâmica das Devesas.

A partir da criação da secção de fundição no seu complexo fabril —o que terá sucedido entre 1881 e 1884, António Almeida da Costa passou a ser o único industrial do Porto com capacidade para construir uma grande capela sepulcral utilizando acessórios e ornatos inteiramente produzidos nas suas oficinas (fig. 8). Esta passava a ser a grande vantagem de António Almeida da Costa relativamente aos seus concorrentes, pois todas as oficinas do seu complexo fabril promoviam-se mutuamente, funcionando como uma concentração horizontal —a primeira e a maior que alguma vez existiu em Portugal em termos de artes industriais.

O esquema de concentração fabril produziu os seus frutos, permitindo a Almeida Costa afirmar o seu empreendimento como um dos mais bem

sucedidos da Península Ibérica. Porém, não foi apenas a estratégia de concentração empresarial um dos seus grandes méritos. Já aludimos à sua habilidade empresarial e ao bom aproveitamento do potencial de distribuição do caminho de ferro. Ora, António Almeida da Costa usou o caminho de ferro também para baixar o custo das matérias-primas, já que terá feito sondagens junto ao nó ferroviário da Pampilhosa do Botão (que veio a ter ligação a Espanha e ao porto marítimo da Figueira da Foz), de modo a encontrar jazidas de barro. Tendo encontrado o que pretendia, tratou de adquirir terrenos e, em 1886, já ali existia uma fábrica sucursal das Devesas, que produziria depois sobretudo artefactos em barro vermelho —a matéria-prima ali mais abundante.

Podemos, no entanto, apontar mais razões para o sucesso do empreendimento de António Almeida da Costa: a boa qualidade do equipamento industrial era marcante, assim como a elevada qualificação dos operários (algumas máquinas foram mesmo inventadas pelos próprios técnicos da fábrica). Nas Devesas existia inovação e, no início do século XX, a imprensa chegou mesmo a afirmar que, em Gaia, o único local onde existia civilização era na Fábrica de Cerâmica das Devesas. Por outro lado, nas Devesas, a associação entre a arte e a indústria foi quase perfeita. José Joaquim Teixeira Lopes dirigiu ali durante décadas uma multifacetada oficina de modelação, cujos modelos eram passados à pedra, ao metal fundido e sobretudo à cerâmica. Quer a cerâmica, quer a fundição eram técnicas que permitiam uma produção mais rápida, devido ao processo comum das



FIG. 4.

Um exemplo da produção de revestimentos para fachadas por parte da Fábrica de Cerâmica das Devesas: mistura de azulejo liso, azulejo em relevo e aplicações de pedra mármore (Depósito da Fábrica de Cerâmica das Devesas, Rua José Falcão, Porto).

fôrmas como base para receber a matéria-prima. Mesmo assim, o trabalho de reprodução exigia boa capacidade técnica por parte dos mestres fabris, já que a possibilidade de modificar os modelos ao gosto do cliente era uma vantagem então muito apreciada. Por isso, várias peças —sobretudo no caso de estátuas para fachadas— podiam ser muito semelhantes na modelação, mas com uma simbologia bem diferente (veja-se a figura 4).

Nesta oficina de modelação nas Devesas praticaram muitos jovens estudantes da Escola de Belas Artes do Porto, sobretudo escultores. Alguns destes estudantes tinham mesmo começado como aprendizes na própria fábrica, seguindo depois percursos artísticos próprios. Foi o caso do próprio filho de José Joaquim Teixeira Lopes - António Teixeira Lopes, que acabou por ser considerado o maior escultor português da primeira metade do século XX. Assim, a Fábrica de Cerâmica das Devesas não só foi o complexo fabril português de produção de artefactos em cerâmica, pedra e ferro com modelos de melhor qualidade, como foi também quase um pilar de formação prática para uma geração de ouro da escultura portuguesa, na viragem do século XIX para o século XX.

A Fábrica de Cerâmica das Devesas era literalmente uma instituição de ensino e experimentação das artes industriais, até porque António Almeida da Costa e José Joaquim Teixeira Lopes promoveram a formação dos seus operários em desenho aplicado à indústria. Para isso, possuíam uma escola de desenho e modelação nas instalações da própria fábrica.

Quando a Fábrica de Cerâmica das Devesas estava já na sua plena maturidade, António Almeida da Costa patrocinou a publicação de catálogos ilustrados destinados ao grande público. No último catálogo conhecido, de 1910, surgem referências a mais de mil peças: bustos,

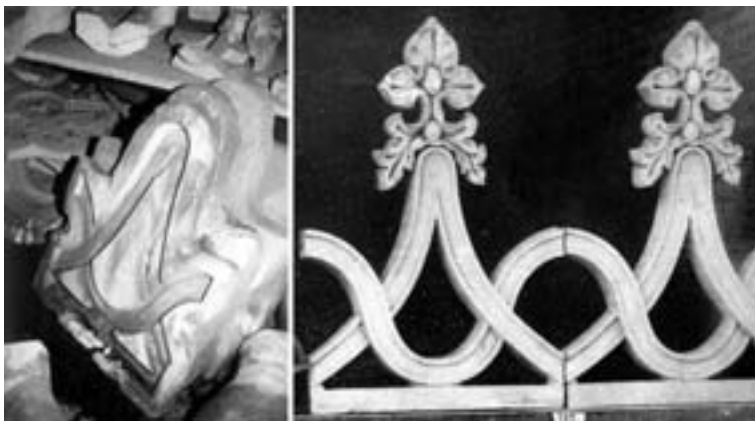


FIG. 5.  
Um dos vários modelos para platibanda propostos em catálogo da Fábrica de Cerâmica das Devesas e respectivo molde em gesso (ainda existente num dos velhos edifícios da fábrica).

estátuas, grupos, louça sanitária, estuques, materiais de construção, artigos em grés, canalizações, mosaico hidráulico, azulejo, serralharia, fundição e cantarias de ornato. Para além de tudo isto, as várias oficinas da Fábrica de Cerâmica das Devesas fabricavam qualquer tipo de peça que não existisse em catálogo.

A publicidade à Fábrica de Cerâmica das Devesas foi também baseada na sua constante presença em exposições nacionais e internacionais, onde obteve várias medalhas e elogios, nomeadamente uma medalha de prata na célebre Exposição Universal de Paris, em 1900. Por esta altura, os vários edifícios da fábrica foram todos reformados num gosto exótico de inspiração mourisca e ergueu-se no Porto um magnífico edifício para depósito e exposição de produtos (na actual Rua José Falcão, fig. 4). A reforma dos edifícios fabris teve sobretudo um propósito publicitário: a ornamentação colocada nas fachadas era toda originária da própria Fábrica de Cerâmica das Devesas, que assim mostrava a todos as múltiplas possibilidades de aplicação à arquitectura dos seus artefactos, funcionando estas fachadas fabris como um verdadeiro mostruário ao ar livre. O próprio bairro operário,



FIG. 6.

Figura alegórica do Estudante e outros artefactos cerâmicos (azulejos e balaústres) da Fábrica de Cerâmica das Devesas, numa casa em Moura.

FIG. 7.

Detalhe decorativo de um vaso ornamental produzido pela Fábrica de Cerâmica das Devesas.



de grande qualidade para a época, tinha também as suas casas completamente revestidas de azulejos, todos de padrões diferentes.

António Almeida da Costa certamente compreendia que só aliando a qualidade artística dos modelos à capacidade técnica dos mestres fabris e a uma publicidade agressiva e inteligente a Fábrica de Cerâmica das Devesas poderia distinguir-se das restantes. António Almeida da Costa acabou por conseguir essa distinção com facilidade: a concorrência em Portugal praticamente foi esmagada. Apenas em alguns nichos de mercado conseguiram sobreviver outras fábricas (sobretudo na cidade de Lisboa). Por outro lado, a Fábrica de Cerâmica das Devesas serviu como modelo



FIG. 8.

Interior da monumental capela sepulcral do Dr. José Pereira da Costa Cardoso, erigida em 1888 no Cemitério de Agramonte (Porto). As várias oficinas de António Almeida da Costa e José Joaquim Teixeira Lopes foram responsáveis por todo o projecto de arquitectura, pela modelação, pela execução da obra de mármore, pelos vasos ornamentais em cerâmica, pelos candelabros, portão e bandeiras em ferro fundido e pelas figuras escultóricas em bronze. A maior parte destes artefactos não foi mais copiado. Mesmo sendo produção de uma fábrica, são hoje artefactos de belas-arts, dada a sua qualidade e carácter único.



tecnológico para a generalidade das fábricas de cerâmica portuguesas do século XX, várias das quais foram fundadas por dissidentes ou antigos colaboradores da Fábrica das Devesas. Pelo elevado número de fábricas imitadoras se avalia a qualidade da Fábrica de Cerâmica das Devesas.

Para que todo o seu esquema de produção fabril funcionasse perfeitamente, António Almeida da Costa implementou um eficaz sistema de escoamento dos produtos, baseado no acesso privilegiado ao caminho de ferro (com ramais e vagões ferroviários privativos) e na exportação, nomeadamente para o Rio de Janeiro. Sabe-se que Espanha era também um dos mercados de exportação da fábrica, mas não se conhecem quaisquer estudos sobre a influência dos artefactos da Fábrica de Cerâmica das Devesas na arquitectura espanhola da viragem do século XIX para o século XX.

Com a morte de António Almeida da Costa e de José Joaquim Teixeira Lopes, a Fábrica de Cerâmica das Devesas estagnou e agonizou durante décadas, até encerrar definitivamente em meados da década de 1980. Contudo, ainda antes de encerrar já era vista por alguns investigadores



FIG. 9.  
Frontispício do catálogo de 1910 da  
Fábrica de Cerâmica das Devesas:  
alegorias à Arte e à Indústria.

como uma potencial fábrica-museu. Efectivamente, este complexo fabril é único, pelo seu carácter polifacetado, pela sua marcante relação entre indústria e arte e pelo seu impacto na arquitectura portuguesa. Porém, não se afigura fácil a preservação das estruturas fabris e sua musealização. Há mais de vinte anos que um processo de classificação patrimonial está enredado em múltiplas questões políticas e legais, tendo-se já perdido bastante do que poderia ser salvaguardado e valorizado. A beleza das peças da Fábrica de Cerâmica das Devesas e a inovação e singularidade das estruturas fabris fariam deste antigo complexo industrial um dos principais museus da Europa, se todo o processo fosse concluído de acordo com as exigências da sua elevadíssima importância patrimonial. Bastará concluir dizendo que a Fábrica de Cerâmica das Devesas não só é muito importante para o estudo e compreensão da indústria cerâmica e de fundição em Portugal, como uma parte importante da própria História da Arquitectura e da Escultura Portuguesa do século XIX e do início do século XX está nas Devesas.

Apesar de ter sido até há alguns anos injustamente relacionada com o fim da cerâmica artística e o início da cerâmica industrial, a Fábrica de Cerâmica das Devesas não foi mais do que a ponte entre as duas realidades, tendo tido o melhor das duas vertentes. Por essa razão, o complexo fabril das Devesas e as peças que produziu constituem o mais importante legado cerâmico hoje existente em Portugal. Torna-se, pois, muito importante fazer a respectiva inventariação, recolha de peças mais raras que estejam em risco, tratamento conservativo, exposição e sua divulgação ao público nos próprios edifícios da antiga Fábrica de Cerâmica das Devesas, que possui —como nenhuma outra antiga fábrica em Portugal— vocação para se tornar no Museu Nacional das Artes Industriais.

## **Bibliografia<sup>1</sup>**

Ana Margarida Portela, *ANTÓNIO ALMEIDA DA COSTA E A FÁBRICA DE CERÂMICA DAS DEVESAS. ANTECEDENTES, FUNDAÇÃO E MATURAÇÃO DE UM COMPLEXO DE ARTES INDUSTRIAIS (1858-1888)*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal, Porto, 2003 (2 volumes policopiados, 217+148 páginas, 315 ilustrações).

Ana Margarida Portela, «O ATRIBULADO PROCESSO DE CLASSIFICAÇÃO DO ANTIGO COMPLEXO FABRIL CERÂMICO DAS DEVESAS». «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 9.º vol., n.º 56, Junho de 2003, p. 64-66.

Francisco Queiroz, «O ENSINO DAS ARTES INDUSTRIAIS NO PORTO DO SÉCULO XIX». «O Tripeiro», 7.º série, ano XVIII, n.º 5 (Maio de 1999, p. 140-144) e n.º 6 (Junho de 1999, p. 177-182).

<sup>1</sup> Ana Margarida Portela está actualmente a desenvolver uma tese de Doutoramento em História da Arte intitulada: *As artes industriais na Arquitectura Portuguesa da época do Romantismo - a produção de cantarias de ornato e de artefactos cerâmicos pelo complexo fabril das Devesas*. É Bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito deste projecto de Doutoramento.